

MOSTEIRO NOSSA SENHORA MEDIANEIRA: DAS MONTANHAS DE GRENOBLE AOS MORROS DE IVORÁ (RS)¹

*OUR LADY MEDIATRIX MONASTERY:
FROM THE MOUNTAINS IN GRENOBLE TO THE HILLS IN IVORA, RS*

Emanuela Boezio² e Roselaine Casanova Corrêa³

RESUMO

Este artigo tem como tema o estabelecimento de um mosteiro cartusiano na paróquia de Ivorá, no Rio Grande do Sul, e visa compreender os motivos que levaram à fundação do mosteiro nessa localidade. A história dos monges cartuxos começou na Idade Média, em um período em que o poder e a superioridade da Igreja eram incontestados. No século XI, o papa e o imperador entraram em confronto, e alguns religiosos decidiram contra-atacar, formulando normas que reformassem a autoridade vigente, como foi o caso do Papa Gregório VII, criador da Reforma Gregoriana. Enquanto isso, outros religiosos procuraram no silêncio e no isolamento a fórmula necessária para fugir da agitação desse conturbado período. Foi o caso de Bruno, fundador da Ordem Cartusiana. A ordem desenvolveu-se na Europa e chegou ao Brasil na década de 1980, graças à intervenção do Bispo Dom Ivo Lorscheiter, da diocese de Santa Maria - RS. O que se pretende evidenciar neste artigo é o entendimento de que o primeiro mosteiro cartuxo se estabeleceu em Ivorá devido às peculiaridades religiosas da população local. Ivorá é uma comunidade originária da imigração italiana e esta população foi muito receptiva a atuação da Igreja Católica, sendo fervorosamente católica até os dias de hoje. Ao reconstituir a história do município, torna-se fácil compreender o ambiente de festividade e alegria preparado para a recepção no Mosteiro Nossa Senhora Medianeira, em Ivorá, no ano de 1984.

Palavras-chave: religião, ordem cartusiana, imigração italiana.

ABSTRACT

This article focuses on the establishment of a Carthusian monastery in the Ivora parish in Rio Grande do Sul, and it seeks to understand the reasons that led to the founding of the monastery in that place. The story of the Carthusian monks began in the Middle Ages, a period when the power and superiority of the Church were uncontested. In the eleventh century, the Pope and the Emperor clashed, and some religious decided to counter-attack, formulating rules that reformed the prevailing authority, as it was the case of Pope Gregory VII, the creator of the Gregorian Reform. Meanwhile, some other religious men sought in silence and isolation the formula to escape the bustle of this troubled period. It was the case of Bruno, the founder of the Carthusian Order. This order was developed in Europe and arrived in Brazil in the 1980s, due to the intervention of Bishop Ivo Lorscheiter, at the Diocese of Santa Maria, RS. What is intended to show in this article is the understanding that the first Carthusian monastery settled in Ivora due to religious peculiarities of the local population. Ivora is formed by a community of Italian immigration and this population was very responsive to actuation of the Catholic Church, even currently. In reconstructing the history of the city, it

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de História - UNIFRA. E-mail: manu@syns.com.br

³ Orientadora - UNIFRA. E-mail: casanova@unifra.br

is possible to understand the environment of festivity and joy prepared for the reception of the Our Lady Mediatrix Monastery in Ivorá, in 1984.

Keywords: *religion, Carthusian order, Italian immigration.*

INTRODUÇÃO

O estabelecimento do Mosteiro Nossa Senhora Medianeira na localidade pertencente à paróquia de Ivorá, no Rio Grande do Sul, não pode ser considerado um fato isolado. Acontecimentos anteriores a ele foram de fundamental importância para que o município se tornasse terreno fértil para abrigar um mosteiro. Esses acontecimentos dizem respeito à intensa religiosidade existente entre seus habitantes, decorrente do trabalho feito pelos padres Palotinos junto aos imigrantes italianos da região. Os Palotinos se instalaram no atual município de Silveira Martins, no ano de 1886 e, num feliz entrosamento com os imigrantes italianos, produziram um contexto socioreligioso muito favorável à Igreja Católica.

Dom Ivo Lorscheiter, então bispo de Santa Maria e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), também foi um grande colaborador para a vinda da ordem cartusiana ao Brasil. Sempre sensível às aspirações dos fiéis, pôde perceber que havia jovens com afluente vocação cartusiana⁴ e não poupou esforços para poder sanar essa realização vocacional.

Apesar dos diversos trabalhos existentes sobre os monges cartuxos, nenhuma pesquisa acadêmica foi elaborada tendo como foco a fixação do mosteiro Nossa Senhora Medianeira na paróquia de Ivorá (RS). Entende-se, assim, ser esta a principal relevância da pesquisa realizada. Além do fato de atender a uma demanda da população local, a qual se considera honrada por sediar essa ‘Ordem de silêncio e reclusão’ e é desejosa em conhecê-la melhor.

No presente trabalho, têm-se como objetivos compreender os motivos que levaram à fundação de um mosteiro cartusiano no Brasil e o porquê de o local escolhido para a construção do Mosteiro Nossa Senhora Medianeira ter sido a paróquia de Ivorá. Pretendeu-se, da mesma forma, buscar indícios acerca da opção pela reclusão e o silêncio dos cartuxos, práticas essas iniciadas pelo seu fundador, São Bruno, em 1084.

Sobre a trajetória dos monges se encontram muitas obras elaboradas pelos próprios religiosos, mas é importante salientar que não apresentam o nome do autor, pois o anonimato é apreciado entre eles. Portanto, designações como ‘por um cartuxo’ ou simplesmente a ausência de autor em suas obras encontram-se em algumas referências bibliográficas e documentais do presente texto.

⁴ “Em pouco tempo temos recebido a petição de mais de 20 jovens [brasileiros]. Desgraçadamente a maior parte não se pode realizar: umas, principalmente, pelo muito caras que resultam as passagens para a Europa; outras, pelas saudades criadas pelas enormes distâncias. Atualmente temos outros 4 rapazes com desejos enormes de vir e consagrar-se a Deus [...]” (FIGUERAS, [198-]).

A RELIGIOSIDADE ALÉM-MAR: A QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL

O isolamento dos sete primeiros eremitas em Grenoble, o que mais tarde daria origem a Ordem Cartusiana, foi motivado por uma desilusão de Bruno, seu fundador, com alguns membros da Igreja, devido a uma disputa de poder entre os imperadores, em especial Henrique IV, da Alemanha, e os Papas, como Gregório VII e Urbano II. Da mesma forma em outros momentos da História, a Igreja também percebeu seu poder ameaçado por outras instituições. É o que ocorreu no Brasil, mais precisamente em Santa Maria (RS), no século XIX.

Em terras brasileiras, o regime do padroado⁵ iniciou suas funções no século XVI, portanto, no período colonial, com a autorização e apoio da Igreja católica:

[...] foram atribuídos aos soberanos da Espanha e de Portugal determinados direitos e deveres, que faziam da evangelização dos infiéis um dever do Estado, mas que, ao mesmo tempo, atribuíam a este plena autoridade sobre a Igreja no território das missões (MARTINA, 1996, p. 310).

Curiosamente, menos de quatro séculos após a autorização da Igreja para que o Estado interferisse diretamente em seus assuntos no Brasil, um movimento contrário a essa interferência foi registrado. Com o intuito de que a Igreja pudesse reconquistar seus poderes frente ao Estado, surgiu um movimento denominado ultramontanismo⁶, cujas bases encontram-se na reação às ideias liberais da Revolução Francesa contra o conservadorismo católico.

Quando, em 1789, a Assembleia Constituinte da França proclamou que os homens nasciam livres e iguais perante as leis, a Cúria Romana começou a ver em tais ideais um perigo para a ordem estabelecida nos Estados Pontifícios [...]. Com a explosão da Revolução Francesa e com suas manifestações anticlericais, a Santa Sé passou a considerar a proclamação das liberdades políticas e religiosas uma orientação incompatível com a ordem desejada por Deus (AZZI apud BIASOLI, 2010, p. 28).

Quando, em 1073, foi elaborada a Reforma Gregoriana, um de seus principais objetivos era propagar a ideia de que o Papa seria um legítimo representante de Deus na terra. Dessa forma, jamais se incorreria em erro. Quase novecentos anos após a Reforma Gregoriana ser disseminada por toda a Europa, o Ultramontanismo surgiu defendendo e propagando o mesmo ideal da infalibilidade papal. “Revigorado pelo movimento ultramontano do século XIX [...] o dogma da infalibilidade

⁵ “O padroado foi criado nas monarquias ibéricas, a partir do século XII, com o propósito de estabelecer alianças entre reis e à Igreja” (BIASOLI, 2010, p. 21).

⁶ “Movimento iniciado na Itália, mais precisamente em um local localizado além dos Alpes” (BIASOLI, 2010, p. 34). Para Vêscio, o Ultramontanismo “designa uma posição da Igreja Católica em favor de uma maior concentração de poder eclesiástico nas mãos do papado e do clero, ao mesmo tempo em que sinaliza o combate, por parte da Igreja, contra o anglicanismo, jansenismo, protestantismo, deísmo, liberalismo, positivismo, racionalismo, socialismo, maçonismo e certas medidas liberais propostas pelo Estado civil, como a liberdade de religião, o casamento civil, a liberdade de imprensa e outras mais” (VIEIRA apud VÊSCIO, 2001, p. 46).

papal marcou o pensamento da maioria do episcopado brasileiro e os endereçou à luta por uma Igreja independente do Estado” (BIASOLI, 2010, p. 23).

Uma das características que diferenciou a Reforma Gregoriana do Ultramontanismo foi o alto nível de propagação que o último alcançou. Isso se deu, sobretudo, pela maior facilidade de locomoção e divulgação encontradas no século XIX, se comparado ao século XI, quando são elaborados os ideais da Reforma Gregoriana. Porém, é salutar perceber que ideias oriundas da Europa puderam alcançar até mesmo longínquas localidades brasileiras, como a Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

O ULTRAMONTANISMO E A IMIGRAÇÃO ITALIANA NA QUARTA COLÔNIA DO RIO GRANDE DO SUL

A má distribuição de terras, associada à pobreza e ao medo, consequência de inúmeras guerras no território⁷, tornaram a emigração da Itália a melhor alternativa para muitos habitantes, principalmente da região norte do referido país.

A entrada dos primeiros imigrantes, nesse caso italianos, em terras brasileiras, data do final do século XIX e início do século XX. Tal imigração serviu diretamente à economia brasileira, que passava pela escassez da mão de obra escrava, já que em 1850 foi decretada a extinção do tráfico de escravos da África para o Brasil, e em 1871 a Lei do Ventre Livre tornava livres todos os filhos de escravos nascidos a partir dessa data. Biasoli (2010) também reforça essa ideia e cita outro estímulo por parte das autoridades brasileiras para o povoamento de colonos europeus em terras brasileiras:

O processo imigratório italiano no Brasil não deve ser visto sem a contrapartida do quadro de escassez de mão de obra que a economia brasileira passou a viver desde 1850. Neste ano, foi extinto o tráfico de escravos da África para o Brasil, e a sociedade escravista viu-se na contingência de pensar um modo de resolver a falta de braços para a lavoura. Moldados pelas ideias racistas dominantes e pelo modelo europeu de civilização, muitos intelectuais brasileiros não viam outra alternativa que não fosse a de estimular a vinda de brancos europeus para “civilizar” a nação brasileira (2010, p. 64-65).

Porém, a entrada de imigrantes europeus em território brasileiro não serviu apenas aos interesses deles próprios e da sociedade escravista. A Igreja Católica percebeu que entre esses imigrantes os ideais ultramontanos encontrariam um bom campo de propagação, já que existiam, de sua parte, pedidos para a vinda de padres que pudessem celebrar missas e os acompanhassem em momentos como os descritos na obra de Genésio Bonfada:

⁷ “Além da má distribuição de terras, a Itália sofreu a devastação de inúmeras guerras. Naquele tempo, não era um único país como hoje, mas sim um conglomerado de vários governos regionais. [...]. Em consequência, o país era assolado continuamente por revoltas regionais entre as várias facções dominantes, que se digladiavam para impedir a unificação do país” (BONFADA, 1991, p. 09 -10).

No velho barracão⁸ apinhado, estala uma epidemia: forte disenteria, que em pouco tempo leva à sepultura. De um dia para outro, o barracão se converteu em um hospital de doentes e moribundos. E até em câmara mortuária, pois não passava o dia sem haver mortos. Pediam médico. Pediam padre. Lá na saudosa pátria⁹, o sacerdote não deixava a cabeceira do moribundo (CERETTA apud, BONFADA, 1991, p. 1).

Para esses imigrantes possuírem certa autonomia e até mesmo privacidade, era necessário em primeiro lugar haver a demarcação das terras na região, que se fez sem demora, sendo que os lotes de terras seriam assim distribuídos:

Tinham direito a um lote (colônia), cada família e cada filho maior de 18 anos. Num dia estabelecido, os interessados se reuniam [...] e recebiam um bilhete com o nome da linha e o número do lote. [...] Caso a área não lhes agradasse, podiam tirar novo bilhete. Tinham direito a fazer isto três vezes, depois das quais só lhes restava ficar com o lote sorteado (BONFADA, 1991, p. 19).

Segundo Bellinaso (1984), em 1883, chegaram os primeiros colonos no núcleo de colonização que deu origem ao município de Ivorá. No mesmo ano, iniciou-se a demarcação das terras. O autor também explica o significado do primeiro nome que essa antiga colônia recebeu: “os primitivos moradores dessa colônia [chamaram] de Núcleo Norte, por ficar ao norte da sede da colônia, que era Silveira Martins” (p. 18).

Uma das primeiras providências que esses colonos tomaram ao se fixarem em terras do Núcleo Norte foi a construção de uma capela, que mesmo sem a presença de um pároco para presidir as missas se tornou ponto de encontro dos colonos para rezas, cantos e o ensino do catecismo para as crianças. Bellinaso (1984) descreve com riqueza de pormenores a maneira pela qual se concretizou a construção dessa primeira capela, bem como o ambiente em que ela se encontrava, apresentando o panorama natural característico daquela região.

Foi preciso [...] fazer tudo a mão. E construiu-se a primeira capela, de madeira, com apenas 7 metros de comprimento, por 4 [metros] de largura e 3 [metros] de altura. Uma mesa muito rústica como altar, duas garrafas como castiçais para velas, um pequeno crucifixo e dois quadros, de São José e de Nossa Senhora [...]. Narram os primitivos colonos que, enquanto nessa humilde capelinha se cantavam os louvores [...], lá fora, por sobre as árvores frondosas, cujos galhos quase cobriam o pequeno templo do Senhor, os bugios acompanhavam as preces dos fiéis com seus roncões selvagens, misturados ao vozear de inúmeros pássaros e aves: sabiás, saracuras, papagaios [...] (1984, p. 20).

⁸ O barracão foi o primeiro abrigo dos colonos italianos, no qual viviam coletivamente. Possuía “40 metros de comprimento por seis de largura, coberto por zinco” (BONFADA, 1991, p. 14).

⁹ Tem-se que levar em consideração que a noção de pátria para os primeiros colonos era algo relativamente vago, uma vez que a unificação italiana se deu em 1870, ou seja, praticamente concomitante com suas saídas desse país. Maestri endossou a ideia de que a cultura dos imigrantes italianos não era uniforme: “[ocorreram] diversas correntes de imigração a partir daquilo que posteriormente passou a constituir a Itália, para o Rio Grande do Sul (sem falar-se que no Norte da atual Itália, de onde é proveniente a maior parte desses imigrantes, passa o que é considerada como ‘fronteira cultural’ entre a chamada Europa ‘Nórdica’ e ‘Mediterrânea’)” (MAESTRI, 1996, p. 34).

O autor também cita como era feito o chamamento dos colonos para as orações na capela e quem eram os responsáveis por presidir os encontros:

Na falta de sino para convocar os fiéis, usava-se de início um chifre de boi e uma lata. Na falta de sacerdote, presidiam a estas cerimônias religiosas e ensinavam catecismo às crianças, os bons velhos Luiz Giberti e Domingos Ferigollo (BELLINASO, 1984, p. 20).

Diferente de Silveira Martins, onde o primeiro pároco pisou em seus territórios em princípios de novembro de 1881 (BONFADA, 1991), Ivorá recebeu seu primeiro sacerdote apenas em 1918, que foi acolhido com grande alegria pela população local (BELLINASO, 1984).

Esses aspectos apresentam a necessidade sentida pela população da presença de um pároco, bem como a construção de uma capela, o que no caso de Ivorá se deu sem demora. Tais fatores, ainda que avaliados superficialmente, remetem a uma forte religiosidade entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, a qual, anos mais tarde, presta-se à ‘propaganda’ por parte dos bispos do Rio Grande do Sul, para que houvesse um incentivo à instalação de uma ordem religiosa em terras sulinas. Nesse caso, um mosteiro cartusiano do gênero masculino. Pode-se perceber isso em carta remetida por Dom Ivo Lorscheiter ao Superior Geral da Grande Cartuxa, Dom André Paisson, “o Sul do Brasil é razoavelmente fecundo em Vocações Sacerdotais e Religiosas, mas não conta, lamentavelmente, com Comunidades Masculinas da Vida Contemplativa” (1982).

O fato de haver necessidade de um padre entre os imigrantes não deve ser utilizada para fundamentar a ideia de que todos os imigrantes italianos eram católicos, nem mesmo ter sido a partir dessa colonização que o Rio Grande do Sul se tornou um estado essencialmente católico. Essa necessidade não era sentida por todos os colonos e não deve ser percebida como algo que torne o catolicismo apreciado e praticado pela totalidade dos habitantes da colônia.

Um exemplo claro de tal afirmação encontra-se na obra de Luiz Eugenio Vécio (2001), que se utiliza de um crime ocorrido contra um padre católico, na então colônia de Silveira Martins, para demonstrar que a maçonaria, então combatida pela Igreja católica, era uma prática constante no dia a dia dos colonos italianos.

Se, por um lado, pairam dúvidas sobre o caráter e as ações do padre Sório¹⁰, [...], por outro lado, há textos que fazem uma defesa veemente do sacerdote, imputando a culpa ao inimigos da Igreja Católica e da fé cristã, representados na época pelos maçons que moravam em Silveira Martins. Um desses textos é de autoria do padre palotino Pedro Luiz, publicado em 1949, que, após relatar como se deu o crime, denuncia os algozes do padre: “a voz divina do povo indicou sempre, sem discrepância nenhuma, os seguintes maçons como autores do crime: Celeste Soriani, o capataz da turma, Felipe Durganti e Rodolfo Faccin”¹¹ (VÉSCIO, 2001, p. 44).

¹⁰ Alguns fatores do comportamento público do padre Sório que causaram descontentamentos em alguns moradores da colônia serão abordados na sequência do texto.

¹¹ Mesmo padre Pedro Luiz citando os nomes dos, para ele, assassinos do Padre Sório, Vécio afirma que até hoje não foram encontrados os autores de tal ato, ficando por conta de relatos orais e documentos escritos as possíveis suspeitas, bem como os possíveis motivos que levaram ao desfecho do crime (2001).

Padre Sório possuía uma maneira de encarar o sacerdócio que era diferente da dos padres Palotinos. Segundo Biasoli (2010), sua orientação era liberal, o que com o passar do tempo implicou graves conflitos com a população do Vale¹². Isso resultou em uma petição, solicitando o afastamento do sacerdote das suas funções naquela região.

Ao falar das razões pelas quais não queriam mais o padre Sório, citavam seu comportamento inadequado, que chegava à falta de decoro. Ele não gostava de trajar a batina, nem o colarinho clerical e, para piorar, trazia consigo a criada, fato que desagradava muitíssimo os habitantes do Vale (VÉSCIO, 2001, p. 59).

Assim como a necessidade da vinda de um padre que atendesse as necessidades religiosas dos colônos, a urgência que eles sentiam para a construção de capelas também não pôde ser um fator utilizado para justificar que esses imigrantes possuíam, na sua totalidade, essência católica. Nesse sentido, Zagonel explica que na maioria das vezes a capela era utilizada para outros fins além da oração:

Fosse de madeira ou de alvenaria, a capela era sempre uma obra da comunidade, lugar de culto e **centro social, centro comercial** e sinal de progresso e prestígio da região. Ao seu redor a vida se desenvolvia, desde o comércio até a escola [...]. A vida convergia para o centro religioso (apud BIASOLI, 2010, p. 89) [grifo nosso].

É salutar a percepção de que os ideais ultramontanos foram aplicados de formas díspares em sua área de abrangência. Mesmo nas curtas distâncias que separam as cidades da Quarta Colônia de Imigração Italiana (RS), tal aplicação caracterizou-se de forma desigual: enquanto em Silveira Martins não houve imposição de tais ideias, em Ivorá a forte personalidade de um sacerdote definiu os rumos da religiosidade e da vida dos habitantes desse pequeno povoado.

MONSENHOR HUMBERTO BUSATO: O CATOLICISMO EM IVORÁ (RS)

O primeiro pároco a celebrar uma missa em terras Ivorenses¹³ foi um padre palotino. Nesse sentido, a província não vivenciou o embate de ideologias entre os padres de cunho liberal e os Palotinos, como ocorreu em Silveira Martins:

Em 1885, padre Guilherme Whitmee esteve em Vale Vênito [...], para estudar a viabilidade da implantação de uma Missão. Na oportunidade visitou alguns núcleos da colônia, e assim em maio celebrou a primeira missa na tosca igrejinha de Núcleo Norte (BONFADA, 1991, p. 177).

O catolicismo, assim como em Silveira Martins, também não era praticado pela totalidade dos habitantes de Núcleo Norte: “entre os muitos que praticavam integralmente a religião, havia parte do

¹² Vale é o termo utilizado para designar o que hoje é o território de Vale Vênito, pertencente ao Município de Silveira Martins. A designação do nome Vale Vênito foi uma sugestão do Padre Sório, já que todos os habitantes dessa localidade eram naturais do Vênito, Itália (BONFADA, 1991).

¹³ Nesse período, o atual município de Ivorá ainda era chamado de Núcleo Norte.

rebanho que de cristão só tinha o batismo, e uma fé vaga, sem nenhuma prática de observância da lei divina e eclesiástica” (BELLINASO, 1984, p. 38).

É importante percebermos, porém, que esses habitantes não praticantes do catolicismo, diferentemente de Silveira Martins, não são definidos pelo autor como sendo de origem italiana, mas sim como “elementos indígenas e de origem lusa” (BELLINASO, 1984, p. 38). Em um primeiro momento, é a iniciativa para a conversão dos não católicos e a preocupação de manter a maioria católica dentro dos ideais cristãos que proporcionaram ao pequeno povoado de Núcleo Norte a elevação de sua capela em paróquia, no ano de 1918¹⁴.

Durante o sacerdócio de Monsenhor Humberto Busato¹⁵, a construção da “primeira capela [ocorreu em] São Miguel, no Barreiro¹⁶, zona ocupada por lusos pobres, foragidos da revolução de 1893 [...]. No jubileu da Paróquia, em 1943, havia 12 capelas (em 1918 havia apenas 2)”¹⁷ (DIDONET, 1984, p. 53-54).

Monsenhor Busato também foi grande guardião dos bons costumes entre a população de Ivorá. Por isso, proibia de forma terminante qualquer tipo de festividades (não relacionadas à Igreja). Porém, nem todos os habitantes seguiam de forma total as “leis” por ele impostas. Foi o que ocorreu com Orestes Boezzio, habitante da sede que pretendia comemorar o aniversário de 15 anos de sua filha, Luiza Boezzio:

Escolheu [Orestes] a dedo os convidados. Estabeleceu que todos os participantes dançariam vestidos decentemente. Os homens deveriam vestir casaco, embora fosse dispensada a gravata [...]. Os convites eram limitados. A bebida, controlada. Uns cidadãos da Linha 5¹⁸ não conseguiram entrar, por se apresentarem sem casaco. Evitou-se a algazarra e a bagunça. Na oportunidade, Monsenhor Busato se encontrava no hospital, em tratamento. No comando interino e parcial da paróquia estava o P. [Padre] Pedro Copetti, um espírito disciplinado e cauteloso, mas reconhecidamente aberto às inovações, desde que lentas e estudadas [...]. Mas ou porque o ruído tivesse chegado diretamente aos ouvidos do monsenhor ou do P. Pedro, ou por motivos de informações chegadas à Casa Canônica, uma semana depois, Orestes recebeu um bilhete do P. Pedro, convidando-o para um particular na Canônica [...]. Orestes lhe expôs todo o desenrolar do evento. Frisou as cautelas tomadas, para salvaguardar os bons costumes. O P. Pedro não retirou a advertência, ficou pensativo, pedindo apenas ao senhor Orestes que no futuro pensasse muito antes de repetir o ato. O assunto, na verdade, ficou pendente. Nem absolvição nem condenação (DIDONET, 1984, p. 99).

¹⁴ Algumas localidades pertencentes ao Núcleo norte, porém distantes de sua sede, não possuíam capela ou local onde pudessem exercer o catolicismo, e essa foi a principal preocupação dos padres Pallottinos, constatada em visita a essas localidades no ano de 1912. Foi para construir essas capelas que o Bispo de Santa Maria, Dom Miguel de Lima Valverde, decidiu pela criação da paróquia, nomeando-a Paróquia São José, bem como pela fixação do primeiro pároco na localidade, Padre Humberto Busato (BELLINASO, 1984, p. 38).

¹⁵ O título de Monsenhor ao Padre Humberto Busato foi concedido a ele pelo Papa Pio XI, no ano de 1927. Ele foi pároco de Ivorá entre os anos de 1918 e 1962 (DIDONET, 1984).

¹⁶ Comunidade localizada a aproximadamente 15 km da sede, Ivorá.

¹⁷ As duas primeiras capelas anteriores à chegada de Monsenhor Busato foram: Espírito Santo na Linha Um e Nossa Senhora do Caravaggio no Sítio Alto (DIDONET, 1984).

¹⁸ Comunidade localizada a aproximadamente 10 km da sede Ivorá.

Esse fato é crucial para percebermos que Boezio não foi acusado de forma mais grave por estar no comando interino um padre com orientação menos autoritária, se comparada com as atitudes de Monsenhor Busato¹⁹. Também é importante a percepção de que não eram todos os habitantes que estavam dispostos a seguir de forma integral as orientações do Monsenhor, burlando algumas delas quando fosse possível ou necessário.

Por outro lado, atitudes como a citada não devem ser encaradas como desrespeito ao pároco, representante do catolicismo local, pois o fato de haver vestes e atitudes preestabelecidas para participar da festa e de Boezio comparecer à casa canônica para se justificar perante o pároco Padre Pedro já podem ser encarados como motivadas por respeito.

Em outra passagem escrita por Didonet (1984), percebe-se que o trabalho do Monsenhor Busato estava surtindo efeito entre a população não cristã, ou cristã não praticante.

Em rodinhas sociais restritas, onde o aperitivo estimula o linguajar picante e maledicente, tem-se comentado: Monsenhor Busato era um arbitrário, uma personalidade autoritária que não admitia vozes discordantes [...]. [Era um] domingo, lá por novembro de 1928. Igreja Matriz apinhada na missa das dez. Monsenhor Busato [...] no vigor dos seus 40 anos, lá na balaustrada, paramentado, interrompeu o sermão e fez silêncio. Olhou fixo para um ponto lá no meio do povo e pediu, sem citar nomes, que se alguém estivesse portando arma de fogo, se retirasse. Fez-se um silêncio angustiante. Então ele desceu a nave, postou-se diante de um cidadão [...]. Não sei o nome daquele cidadão, mas sei que era adulto, elemento luso, de compleição robusta. E sei que ele entregou o revólver ao Monsenhor e ficou quieto no lugar, para espanto geral (p. 53).

Os motivos pelos quais esse cidadão luso encontrava-se armado de um revólver na missa de domingo, em uma pequena localidade e supostamente pacífica, não ficam claros no decorrer da obra. No entanto, podem ser remetidos ao fato de serem esses lusos descendentes de uma geração foragida de Revolução de 1893, como foi citado anteriormente, e por isso sentirem-se necessitados de proteção. O incidente também pode indicar o fato de o cidadão estar contrariado nesse ato religioso, encontrando na arma uma forma de demonstrar sua revolta.

Independente desse fato, o que fica claro no fragmento de Didonet (1984) é que Monsenhor Busato possuía grande influência sobre a população local. E que, mesmo sendo através do autoritarismo, como se pode perceber, legou à população local uma forte religiosidade e respeito pelos párocos que o sucederam até a atualidade. É nesse sentimento de respeito e até mesmo admiração que a sociedade Ivorense virá, mais tarde, receber o Mosteiro Nossa Senhora Medianeira, em 1984.

¹⁹ Monsenhor Busato, que estava na época sob tratamento no hospital da cidade, jamais voltaria aos trabalhos sacerdotais à frente da paróquia, pois “morreu em uma data histórica: 28 de outubro de 1962, domingo, festa de Cristo Rei e 1ª Eucaristia das crianças de Ivorá” (BELLINASSO, 1984, p. 75).

EPÍSTOLAS PARA ULTRAMAR: A CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO DE DOM IVO LORSCHTEITER

Em 05 de março de 1981, Dom Ivo Lorscheiter, então bispo da cidade de Santa Maria (RS) e presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), escreveu para a cartuxa de Scala Coeli, localizada na cidade de Évora²⁰ (Portugal), em resposta a carta recebida de um aspirante denominado Hélio Buck. Buck teve a ideia de remeter cartas para vários bispos do mundo, divulgando o modo de vida cartusiano.

Já nessa primeira carta, das muitas que se seguiram, Dom Ivo demonstrou seu interesse para que houvesse uma comunidade religiosa masculina, pois afirmava: “aqui no sul do Brasil deveríamos ter alguma comunidade masculina de vida contemplativa, quem sabe, a Cartuxa de Scala Coeli pensa nisso” (FIGUERAS, [198-], p. 1).

A partir desse primeiro contato, Dom Ivo passou a corresponder-se frequentemente com Frei Isidro Maria Estudillo Carmiona, padre Mestre dos noviços, que igualmente demonstrou interesse na instalação de um mosteiro cartuxo no Brasil. Isso porque havia muitos jovens com afluente vocação cartusiana, segundo o Frei, que encontravam dificuldades para essa realização, devido, sobretudo, à grande distância do mosteiro mais próximo em relação ao Brasil, que era o de Évora, em Portugal.

No segundo contato, Dom Ivo fez o convite para que houvesse uma análise *in loco*, por parte dos monges, das condições oferecidas em Santa Maria e região, para a construção de um mosteiro. Por isso, justificou: “pensei convidar algum enviado da Cartuxa para vir estudar *in loco*, nesta Diocese ou em outra, as condições para a criação de uma comunidade” (FIGUERAS, 198-, p. 2).

UMA PAISAGEM EXUBERANTE E UM POVO ‘DE FÉ’ (IVORÁ- RS)

Em maio de 1983, logo após a resolução do Capítulo Geral, Dom Xavier escreveu a Dom Ivo com o seguinte pronunciamento:

É com grande alegria [...] que posso comunicar-lhe, extraoficialmente, a boa nova que, por uma esmagadora maioria, os Piores pronunciaram-se em favor de uma fundação da nossa Ordem do Brasil, e precisamente no Estado do Rio Grande do Sul. Espero que em breve receberá [...] a notícia “oficial” da parte do nosso Rvdo. Pe. Geral, quem se mostra inclinado a aceitar os terrenos de Ivorá²¹ (FIGUERAS, [198-], p. 36-37).

Dom Xavier procurou também escrever aos demais religiosos de outras dioceses comunicando a decisão do Capítulo Geral.

²⁰ Évora está localizada na Figura 1, p. 17, com a indicação da letra E.

²¹ Uma propriedade a cerca de 50 km de Santa Maria e a 5 km de Ivorá, com aproximadamente 160 hectares de terras pertencentes ao seminário diocesano. Dessas terras, cerca de 60 hectares foram cedidos para abrigar o futuro mosteiro a título de oferta (FIGUERAS, [198-]).

A partir desse comunicado, o próximo passo relacionou-se à preparação dos monges que foram destinados a iniciarem o trabalho de fundação do mosteiro em Ivorá, indicados a seguir: Padre Pedro Maria Anquez, Irmão Mariano Schreck, Padre Pedro Petin e Irmão José Harter. Os dois primeiros viriam ao Brasil antes dos dois últimos, para poderem escolher o local mais propício do terreno para a construção, bem como supervisionar a dita construção. Os quatro monges chegaram ao mosteiro de Évora no dia 14 de dezembro de 1983 e lá permaneceram até o dia 29 de maio do ano seguinte, pela dificuldade de liberação dos vistos para a entrada no Brasil. Aproveitaram esse tempo para praticarem a língua portuguesa, desconhecida pelos quatro monges (OLIVEIRA, [19--]).

Esse aspecto revela que durante a ditadura civil militar, a dificuldade na liberação de vistos para religiosos se dava, sobretudo, para vistos permanentes, uma vez que no primeiro ingresso ao Brasil para estudar *in loco*, ou seja, como portadores de visto temporário, Dom Xavier e Dom Jean-Paul não encontraram dificuldades de ingresso no Brasil.

Após esse longo período de espera, Padre Pedro Maria e Irmão Mariano optaram por entrar no Brasil com visto de turistas, uma vez que tinham pressa para supervisionar o início da construção do mosteiro. Enquanto isso, irmão Mariano e Padre Pedro Petin aguardaram em Évora até uma maior definição quanto ao impasse para ingresso no Brasil, bem como quanto à escolha do local para a construção do mosteiro no terreno eleito (Dom Xavier Maria Figueras, 1981 - 1983).

Já em Santa Maria, pensou-se inicialmente em hospedar os dois pioneiros cartuxos na sede da diocese, mas a distância que deveria ser percorrida diariamente até o terreno onde a construção do mosteiro estava sendo iniciada levou os monges a optarem por instalarem-se na Casa Paroquial de Ivorá (FIGUERAS, [198-])

Esse acontecimento se deu em 18 de julho de 1984, período em que a cidade de Ivorá encontrava-se ainda em estado de euforia devido à comemoração do centenário da colonização italiana, ocorrido no ano anterior. O período compreendido entre março e setembro de 1983 foi repleto de celebrações e festividades, dentre elas bailes, festival do vinho e do queijo, almoços, jantares típicos italianos, visita pastoral e missas (BELINASO, 1984).

No meio de todas as festividades, outros dois fatos também marcaram profundamente a população local: o falecimento de Padre Pedro Marcelino Copetti, segundo pároco de Ivorá no ano de 1984, e nesse mesmo ano, no dia 06 de maio, uma grande enchente, a maior registrada até esse dia, do rio Jacutinga, implicando a destruição de casas próximas, muros e árvores. Estima-se que em um período de 10 horas choveu o equivalente a 270 milímetros na cidade (BELINASO, 1984).

Todos esses acontecimentos prévios marcaram a população ivorense quando ocorreu a chegada dos primeiros monges à casa paroquial. Nesse período, o sacerdócio era praticado pelo Padre Joselino Serafini²², porém o título de ‘Cônsul dos Monges Cartuxos’ foi recebido pelo diácono Severino Belinaso²³ (BELINASO; MARCON, 1993).

²² Terceiro pároco da cidade de Ivorá substituiu o Padre Pedro Marcelino Copetti. Pe. Joselino esteve à frente da Paróquia entre os anos de 1977 a 1987 (BELLINASO; MARCON, 1993).

O período estimado para o término da construção no novo mosteiro foi de três a quatro meses. Logo após seu início, no dia 06 de novembro de 1984, chegaram a Ivorá os Irmãos Mariano e José Maria, que, conforme relato do Padre Gabriel Reis de Oliveira, “[a] guardavam ansiosamente sua partida para o local da fundação” (OLIVEIRA, [19--]).

No tocante às festividades de inauguração do Mosteiro, o relato do Padre Gabriel Reis de Oliveira apresenta de forma minuciosa como ocorreu:

Chegou finalmente o dia tão esperado da inauguração - 21 de Novembro. O solene ato iniciou-se com uma concelebração no Santuário de Nossa Senhora Medianeira, de Santa Maria, às 15 horas, presidida pelo Bispo Diocesano D. Ivo Lorscheiter, estando presentes cerca de 30 sacerdotes. [...] No final da concelebração, os presentes que não podiam seguir para o local do Mosteiro foram convidados a saudar os quatro monges, que além de pedidos de orações e bênçãos recebiam também ofertas daquele bom povo. Seguiu-se a pequena peregrinação em viatura, prevista para conduzir os monges ao Mosteiro. D. Ivo abria o cortejo. [...] Cerca das 17h40min chegava o cortejo ao local do Mosteiro, onde já não havia lugar para as viaturas, porque tudo estava ocupado por devotos peregrinos que tinham chegado anteriormente a pé, a cavalo, de carro, e até de caminhão. Seriam umas 400 ou 500 pessoas, mais umas 200 que chegavam ao cortejo procedente de Santa (19--)

Esse dia não foi habitual para os quatro monges, pois fugiu do silêncio e recolhimento que permeiam a vida contemplativa. Todavia, um fato ocorrido no final das comemorações pela inauguração do mosteiro provou mais uma vez o quanto a população ivorense via com bons olhos os optantes do modo de vida religiosa:

[...] O prelado diocesano convidou todos os presentes a passarem pelo mosteiro, entrando pela frente e saindo pelo extremo oposto, deixando nas dependências da casa tudo que a devoção e generosidade de cada um tivessem trazido como demonstração de apreço e amizade para com a nova comunidade. Os monges, ao entrarem após a abalada da multidão, quase não tinham recanto livre para se recolherem, tal a quantidade e diversidade de ofertas ali deixadas, testemunhando a generosidade de toda aquela boa gente, impressionada e agradecida pela presença dos monges no seu meio (FIGUERAS, [198-]).

Fé, religiosidade e doação, obra da devoção nata de um povo ou empenho de uma minoria católica? As únicas certezas é que elas realmente existiram e que essa história é passível de múltiplas interpretações. Depende de para onde se volta o olhar do pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo prévio da instalação do Mosteiro Nossa Senhora Medianeira em Ivorá (RS) se fez necessário, sobretudo devido à carência de fontes primárias que serviriam de aporte para assuntos relacionado a esse tema - fato justificado por ser a Ordem Cartusiana praticante do silêncio e do isolamento.

²³ Bellinaso foi o responsável por acompanhar, em tudo que se fizesse necessário, os monges no período em que estiveram hospedados na Casa Paroquial de Ivorá (BELLINASO, 1984).

As origens dessas práticas, denominadas vida contemplativa, são consideradas curiosas por alguns, mas se tornam perfeitamente justificáveis quando observados os motivos que levaram São Bruno a fundar a Ordem, ainda na Idade Média (1084). O momento conturbado pelo qual a Igreja Católica estava atravessando - a *Querela das Investiduras* praticamente dividiu a Igreja entre aqueles que lutavam pela hegemonia do poder católico, como o Papa Gregório VII, fundador da Reforma Gregoriana, e os crentes - afastou os religiosos de sua principal função, a oração. Foi buscando esse propósito primeiro da esfera religiosa, Bruno fundou a Ordem Cartusiana, caracterizada pelo silêncio e a vida regrada.

A escolha de Ivorá para sediar o primeiro mosteiro cartuxo da América Latina evidencia o favorecimento geográfico do terreno ofertado pelo seminário diocesano de Santa Maria (distante aproximadamente 5 quilômetros da pequena cidade), condição exigida pela Ordem. Porém, um dado patente nas cartas enviadas pelo Bispo Dom Ivo Lorscheiter à cartuxa de Évora (Portugal) incentivou a elaboração do segundo capítulo desse trabalho: a 'propaganda' da forte religiosidade e vocação sacerdotal da população pertencente à então diocese de Santa Maria.

O relato de antepassados nas festas de famílias ivorenses, e até a leitura das poucas obras que descrevem a cidade de Ivorá desde a sua fundação até o período da chegada dos primeiros monges Cartuxos à América Latina, em 1984, apresenta comumente a população local como altamente religiosa e orgulhosa pelo fato dessa religiosidade ser herdada dos imigrantes italianos. Contudo, cabe ao pesquisador comprometido com a fidelidade aos fatos históricos não só a compreensão de que a religiosidade existiu, mas também a inquietação quanto às origens de tal religiosidade.

As festividades em comemoração ao centenário da Imigração Italiana, em 1983, e a primeira grande enchente ocorrida em 1984 são fatores importantes de serem percebidos, pois possibilitaram caracterizar o sentimento da população ivorense e permear o ambiente formado para a instalação do Mosteiro Nossa Senhora Medianeira em sua paróquia, no ano de 1984.

Embora esses sentimentos de alegria, devido à comemoração do centenário da Imigração Italiana, e de solidariedade, devido à grande enchente estivessem intrínsecos na população no ano de 1984, a festividade e o orgulho em receber o primeiro Mosteiro Cartuxo da América Latina estariam presentes de qualquer maneira na população católica do município de Ivorá. Foi algo arraigado já com o primeiro pároco, Monsenhor Humberto Busato, um sacerdote com grande espírito de liderança e autoridade no município. Dessa forma, devemos perceber esses dois acontecimentos prévios como catalisadores de uma fé acentuada, não como seus determinantes.

Por fim, cabe ressaltar que a facilidade da pesquisa ocorreu, sobretudo, pelo fato da Ordem Cartusiana ser, atualmente, mantedora dos costumes da época da sua fundação, pois ainda possui a mesma essência iniciada por Bruno, em 1084. A modernidade trouxe aos mosteiros cartuxos maior facilidade de comunicação, como exemplifica a utilização de computadores com *internet*, por exemplo. Contudo, as atividades desenvolvidas internamente, como horários de missas e refeições, praticamente não sofreram as alterações que o tempo pode provocar. Apenas cabe ressaltar que o

desenvolvimento do modo de vida cartusiano, seus hábitos, usos e costumes não foi desenvolvido neste trabalho, pois já é outra história.

REFERÊNCIAS

BELLINASO, Severino Tranqüilo. **Ivorá - Cem Anos de História 1883-1983**. 3.ed. Santa Maria: Pallotti, 1984.

_____; MARCON, Frederico J. **Paróquia de Ivorá: 1918-1993, 75 anos de fé**. Santa Maria: Pallotti, 1993.

BIASOLI, Vitor. **O Catolicismo Ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

BONFADA, Genésio. **Os Palotinos no Rio Grande do Sul. 1886 a 1919: Fim da Província Americana**. Porto Alegre: Pallotti, 1991.

DIDONET, Humberto. **Ivorá meu Torrão (Crônicas)**. [S.l.]: [S.n.], 1984.

MAESTRI, Mario. **Breve história do Rio Grande do Sul: da Pré-História aos dias atuais**. Passo Fundo: Editora da UPF, 1996.

MARTINA, Giácomo. **História da Igreja: de Lutero aos nossos dias**. São Paulo: Loyola, 1996.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O Crime do Padre Sório**. Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928. Santa Maria: Editora da UFSM, 2001.

DOCUMENTOS

FIGUERAS, Xavier Maria. **Documentos preliminares - Fundação no Brasil. 1981 - 1983**. Évora: [S.n.], [198-]. Documento datilografado e organizado cronologicamente.

RELATOS

OLIVEIRA, Gabriel Manoel Rei de²⁴. **Fundação no Brasil**. Ivorá, [198-]. Documento datilografado²⁵. Entrevista concedida ao Prior do Mosteiro Nossa Senhora Medianeira, Pe. Luis Maria de Leon.

²⁴ Pe. Procurador da Cartuxa Nossa Senhora Medianeira entre 1985 a 2007.

²⁵ O documento não define a data que ocorreu o relato.